



## Culturas



Lorenzo Viotti  
a dirigir o  
"Requiem" de  
Mozart na  
Gulbenkian

# Requiem pelo amor

O homem põe e o tempo meteorológico dispõe. O tão ansiado concerto no claustro dos Jerónimos com o "Requiem" (1791), de Mozart, teve de se recolher à casa-mãe da Fundação, por ameaças da depressão "Miguel". Com a mudança, perdeu-se o trabalho do encenador Vincent Huguet, uma das grandes revelações da temporada que finda ("Ode Marítima" e "Roméo et Juliette", ambas sob a direção do maestro titular Lorenzo Viotti). Manteve-se o conceito: a dialética entre os amores sacro e profano, entre o barroco e o clássico, as

ciências e as artes, os séculos XVII e XVIII. Um pretexto para regressar às "Cartas Portuguesas" (1669) atribuídas à freira de Beja, Sórora Mariana Alcoforado. A grande ausente: a estátua de Santa Teresa de Ávila em êxtase sexual, prestes a ser trespassada pela flecha do anjo, esculpida por Bernini. Manteve-se, também, o "Ave verum corpus" (1791), de Mozart, na versão *a cappella*, a abrir o concerto (e que teria marcado a entrada do Coro no claustro dos Jerónimos), bem como os extratos das "Cartas Portuguesas" lidos por Leonor Seixas (de Los Angeles, Nova Iorque

e Lisboa). Onde se pedia uma declamadora de garra, tivemos telenovela... Que importa? A música e a direção galvanizadora de Viotti dominaram tudo.

Tenho para mim que Lorenzo Viotti é o mais talentoso de todos os maestros titulares que passaram pela Orquestra Gulbenkian. Assim o saibamos conservar! Espantam-me a sua versatilidade e o modo como refresca a leitura das obras clássicas, conseguindo ser original sem trair o espírito do compositor. Foi o que aconteceu com o "Requiem" (que tínhamos ouvido há menos de um ano num 'concerto participativo'). Ritmicamente é uma obra difícil, mas tudo surgiu com naturalidade. Gostei da humanização do quarteto de solistas, colocados entre a Orquestra e o Coro. Quatro bons cantores de quatro nacionalidades (belga, francesa, alemã e argentina) irmanados pela devoção a Mozart: soprano Ilse Eerens, contralto Anthea Pichanick, tenor Sebastian Kohlhepp e baixo Nahuel di Pierro. Com os coros masculino e feminino divididos, à esquerda e à direita, experimentámos um efeito de diálogo estereofónico que muito contribuiu para a teatralidade do concerto. E que alegria era ver o rosto sorridente do maestro, obviamente embevecido com a altíssima qualidade atual do Coro Gulbenkian. Num país decente, este Coro deveria ter o estatuto de Tesouro Nacional (e nas boas noites, como esta, a Orquestra não lhe fica atrás). No que respeita à música, a Gulbenkian volta a funcionar como esteio nacional, agora que o Ministério da Cultura se pôs a navegar à deriva (com uma ministra armada em porta-voz do disparate). / JORGE CALADO



## MOZART: REQUIEM

Eerens (s), Pichanick (c), Kohlhepp (t), Di Pierro (bx), Seixas (a), Viotti (d), Orquestra e Coro Gulbenkian Gulbenkian, Lisboa, dia 6